

# DIFÍCIL SABER... ÉTICA, ANTROPOLOGIA, DESIGUALDADE E DESENHO

JOSÉ MIGUEL NIETO OLIVAR<sup>1</sup>

Nesse curto ensaio revisito rapidamente as imagens que produzi durante a minha tese de doutorado, defendida em abril de 2010 em Porto Alegre. Olho para algumas destas imagens pensando em relação com questões e discussões sobre ética em pesquisa e antropologia. Não há espaço aqui para um ensaio ou para um artigo, apenas para breves reflexões. O conjunto mais completo de imagens, montadas narrativamente num design orgânico, pode ser visto na minha tese, e uma primeira reflexão foi publicada na Revista Chilena de Antropologia Visual em 2009.

No início me preocupou não me colocar em risco em contextos que não conhecia. Me preocupou, depois, não agredir essas mulheres. A máquina fotográfica é um arma, já sabemos. Em contextos de prostituição, tipicamente, um arma de Estado, de violência, de controle e de Verdade.

Como mostrá-las, como “representar” (aquela palavra odiosa...) o universo que eu começava a ver? Como levar para os leitores e as leitoras da minha tese um universo que eu estava apreendendo. Pensava na ideia de “evocação”, pensava nas artes, pensava na poesia. Pensava em compartilhar ambiências, em conectar afetos. E isso, mais ou menos, fiz. Ou tentei.

Os desenhos –e as fotos que fui coletando dos arquivos delas, os documentos, as fotos que eu mesmo tirei mais adiante-, não foram evidências de nada: foram puro excesso que vazava por esse privilegio bizarro que é escrever uma tese de doutorado em antropologia social. Excesso estético e prazer ético: espaços de construção de afetos. Se a câmera era uma arma, o flash –na sua divinal luz branca- era a extinção da beleza. E nessa beleza, nessa beleza cheia de sombras, de histórias não contadas, de maquiagem, perfume, roupas cuidadosamente escolhidas, sussurros transacionais, estava boa parte do que me interessava: agência, poder, política.

Mas antes, os desenhos foram também diário de campo. Foram rascunhos e traços nas cadernetas que eu usava. Foram motivos de atenção: lembra das cores, lembra do tecido do sofá, lembra do cabelo dela, lembra do gesto que ele fez quando a viu sair do quarto... Vai, lembra. E logo corre para escrever e desenhar. Desenhar era compreender os corpos e os movimentos, as relações, os olhares, os espaços. Era pensar em roupas e cores, em curvas, em peles, em luzes e sombras, em fumaças, em disposições físicas.

Os desenhos foram extensão da relação com elas na volta a casa, mas também na volta a elas. Lembrarei sempre o dia em que levei e mostrei à mulheres com quem trabalhava no campo os primeiros desenhos. Uma avalanche de retroalimentação. Formas e cores importantes que eu não tinha visto, elogios, sugestões, risadas sobre alguma forma mal

---

<sup>1</sup>Jovem Pesquisador FAPESP - Núcleo de Estudos de Gênero Pagu – UNICAMP.

feita, e mais histórias e explicações que elas tão generosamente me davam. Elas se apropriavam dos desenhos. Desenhar é uma ferramenta poderosa de relação.

Então há a ética. Sob a ideia de fazer uma “representação visual” cresceu a preocupação ética com não expor o que não deveria ser exposto. Com não revelar, digamos. Apenas evocar. E isso no campo da prostituição não é apenas evitar publicar nomes, mas cuidar da composição estética das relações e dos mundos. Negar-se a revelar é se vincular com elas antes que com a ciência ou com nossas pequenas ambições particulares. E aí está a ética, mas aí não termina.

Muitas discussões se tecem sobre a vigilância da ética em pesquisa. Tensões importantes em busca de uma relativa autonomia disciplinar das Ciências Sociais e Humanas para validar seus próprios mecanismos de controle ético de pesquisa. Há uma vasta literatura brasileira sobre isso maiormente promovida pela Associação Brasileira de Antropologia. A construção processual das relações e dos acordos é talvez a mais importante das potências éticas da pesquisa antropológica. Mas é uma potência, não um fato a priori. Não basta ser antropólogo e fazer etnografia para garantir os procedimentos éticos, e não basta garantir os procedimentos para construir um campo disciplinar ético.

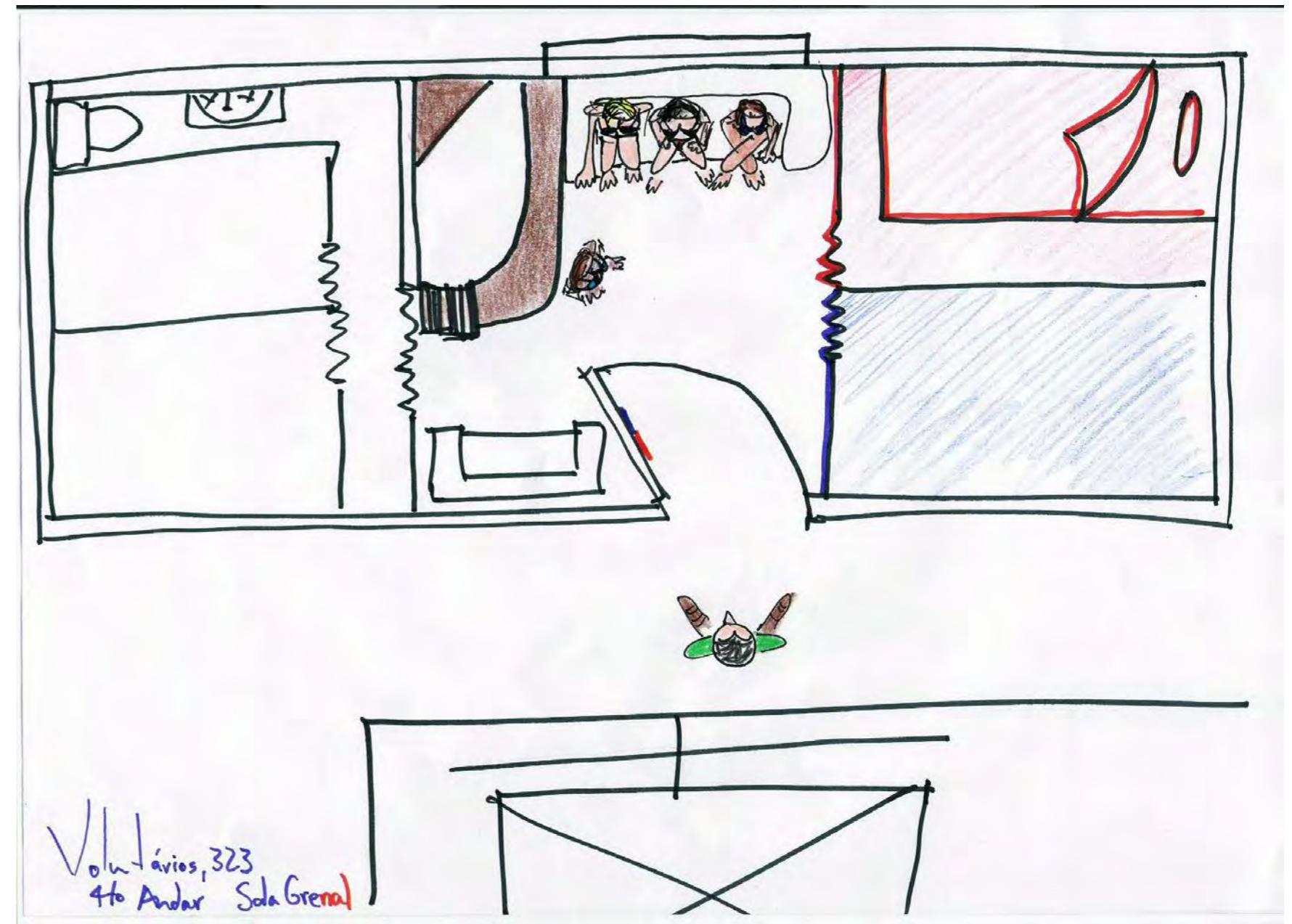
Quando realizei meu trabalho de campo em Porto Alegre eu não conhecia o livro *Couro Imperial* de Anne McClintock (publicado no Brasil em 2010). Hoje resulta impossível não pensar com (e contra?) ela quando analisa o “embate colonial” do Império Inglês a partir das fotografias que sistematicamente Arthur Munby fez de mulheres trabalhadoras urbanas. Mumby, aquele homem burguês, aquele flaneur tão cheio de etnografia e sistematicidade, tão fetichista. A crítica da McClintock é, sem dúvida, também uma crítica a boa parte da mitologia fundacional da antropologia chamada moderna. E é uma crítica moral, não uma revisão de procedimentos éticos, com todo o belo e o perigoso que isso pode ter. Performemos o Munby da McClintock em Porto Alegre 2010: esse meu poder-estar-aí, esse meu espaço profissional, masculino e burguês, construído de fetiches.

Então: certamente meu trabalho teve uma grande preocupação ética. Fui respeitoso de estéticas e segredos, de elaborações e agenciamentos. Dividi com elas, discuti, modifiquei, omiti, sublinhei. Mas... perguntei se elas, realmente, desejavam ou necessitavam ser “representadas”? Se queriam um antropólogo e uma tese de doutorado? Trabalhei demoradamente junto com elas para construir um protocolo estético e ético de relação? Estudamos imagens disponíveis? Construimos juntos parâmetros de descrição? Fizemos desenhos de mim olhando-las, trabalhando na frente do computador, assistindo a aula, rascunhando meu caderno, namorando minha namorada? Convidou-as a antropologia a fazer parte dela ou, melhor, se dispus a antropologia a ser delas –ferramenta maleável? Acaso elas nos chamaram, acaso elas me pediram para fazer um trabalho visual que elas precisavam ou muito desejavam? Ou, então, elas aceitaram as propostas éticas do pesquisador? Ou elas permitiram, na sua imensa generosidade e na sua enorme capacidade de tolerância, mais uma intromissão masculina e mais uma pesquisa? Ou elas se apropriaram da minha presença e capacidade de sedução para produzir um documento ou para produzir um doutor que pudesse ser seu aliado?

O risco, em palavras da McClintock, seria que “A mulher enquanto agente se torna mulher enquanto espetáculo” (2010: 133). Tensa afirmação quando pensamos ética, antropologia, relações de gênero, classe e raça, e produção visual.

## DO FETICHE E DA DISTÂNCIA: ENTRAR EM CAMPO

Os pontos de vista marcam não apenas isso, mas também os vícios disciplinares com o contexto, a referência, o zoom. Altura e distância. Por outro lado: caminhar pela cidade capturando imagens rápidas, como fotografias hiper-discretas na memória, quase sem intervir, sem perguntar, sem acordos. Eu sendo guiado por essas amigas que depois se tornaram protagonistas da tese.









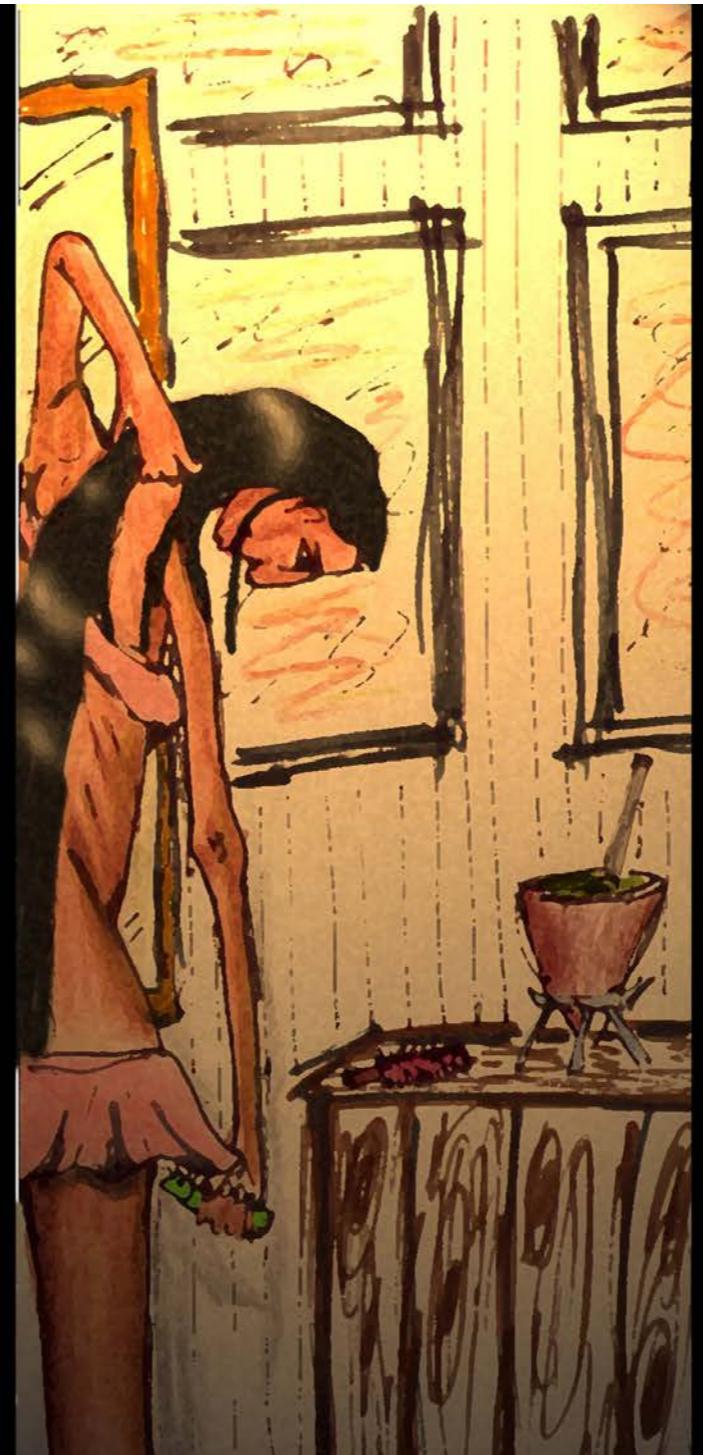
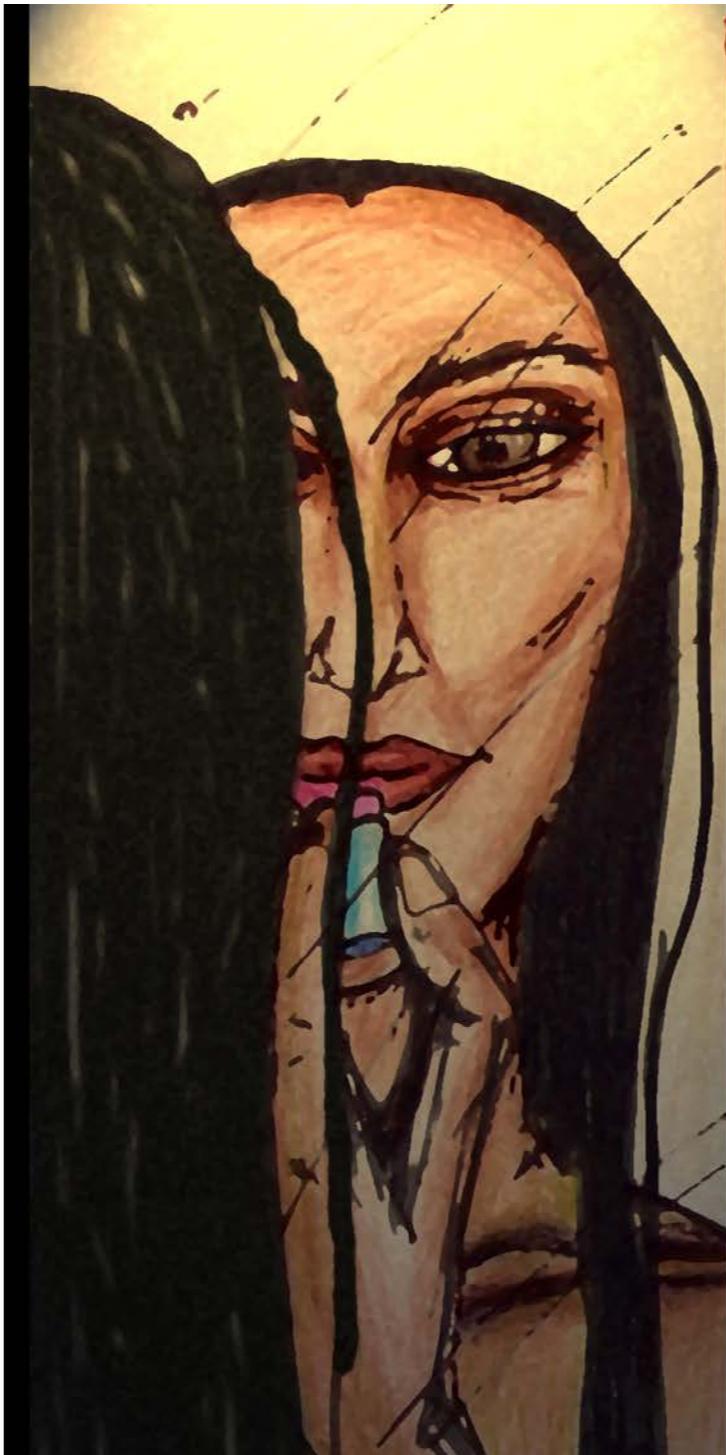
## DAS RELAÇÕES

O tempo vai criando relações e o olhar muda. Eu faço parte do campo, sou um homem que olha, que se excita, que precisa do tempo delas. Meu corpo ocupa espaço, meu olhar também conta no jogo. Entendo posições, tensões, coisas não ditas. Sou capaz de ver detalhes, mas também memórias, desejos. Me atrevo a desenhar sem ver.









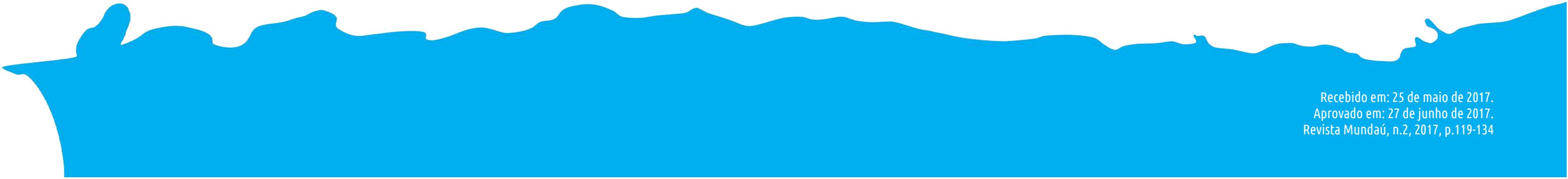


DA CONDIÇÃO SEMPRE INACABADA DA PESQUISA...









Recebido em: 25 de maio de 2017.  
Aprovado em: 27 de junho de 2017.  
Revista Mundaú, n.2, 2017, p.119-134